

SOPHIA E O LITERATURISMO

José Manuel Cymbron

Sophia e o Literaturismo (Um Itinerário em Lisboa: Da Graça ao Martinho d’Arcada)

Relatório apresentado à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para cumprimento do programa
de pós-doutoramento em Comunicação pela Arte, sob a
supervisão da Prof^a. Doutora Isabel Ponce de Leão.

Sophia e o Literaturismo

(Um Itinerário em Lisboa: Da Graça ao Martinho d’Arcada)

No fundo das suas almas tão humilhadas que mal ousavam pensar o seu pensamento, os muito pobres, os muito envergonhados esperavam outro deus. (Sophia in Os Três Reis do Oriente, p.6)

Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. (Sophia in Livro Sexto – Posfácio)

Há duas coisas de que eu gosto: é da casa e da viagem. Adoro viajar, acho que se renasce com a diferença das coisas. A gente sai de nós, da nossa própria vida, quando viaja.
(Sophia in « Musa – O Búzio de Cós e outros Poemas, p. 29 Assírio & Alvim, 2016.)

(...)
- «Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.»
- Renego de ti, demónio.
Que me estavas a atentar!
(...)
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

(“A Nau Catrineta” - Romance popular português, in
Primeiro Livro de Poesia, Selecção de Sophia de Mello Breyner)

RESUMO

Este trabalho, na linha da tese de doutoramento (*O Portugal de Miguel Torga – Um Itinerário em Casa do Orfeu Rebelde*), defendida na Universidade Fernando Pessoa em 2015, pretende dar um contributo para a Comunicação pela Arte através do Literaturismo.

A imersão, gradual mas segura, que temos vindo a fazer – através da investigação, de aulas, palestras e da prática dessa modalidade turística – tem-nos levado a duas convicções, que se consolidam com o tempo:

1ª. O Literaturismo é a melhor forma de se ver «a alma das coisas» (Miguel Torga).

2ª. Portugal tem um Património Literário, Construído e Natural ideal para esta prática de Turismo.

Sophia de Mello Breyner, que publicou durante cerca de sessenta anos, vivenciou e registou – tal como o colega Torga - nos seus cadernos, um Portugal agrícola, piscatório e sócio-político que já não existe, mas que é fundamental conhecermos para que nos possamos conhecer.

Pensamos poder afirmar que são raros os casos de grandes artistas cuja vida e obra podem ser, como acontece com Sophia, evocadas num tão exíguo espaço (entre a Graça e o Terreiro do Paço). José Saramago tinha razão quando afirmava que para se conhecer bem um km é necessário um ano.

ABSTRACT

This paper follows in the lines of my DOCTORATE'S thesis (Miguel Torga's Portugal – an itinerary at «Orpheu Rebelde») submitted in 2015 at «Universidade Fernando

Pessoa», claiming to donate a contribution to “Communication through Art” via “Literatourism”.

The gradual and safe immersion that we do in classes, with lectures and by venturing in literatourism visits, led to two time-consolidated conclusions:

- 1º - Literatourism is the best approach to grasp the «soul of things» (torga)
- 2º - Portugal has a built, natural and literary heritage ideal for this practice of tourism.

Sophia, who has published literary works throughout approximately sixty years, has experienced and recorded in her notebooks -as her colleague Torga did – a rural, a fishery-driven and a social political Portugal, which no longer exists but remains fundamental to be known in order to discover ourselves.

We think we can affirm that indeed, very rare artists have had a life whose living experience and work can fit, as it happens with Sophia in such a limited geographical space (between the “Graça” neighbourhood and “Terreiro do Paço”).

José Saramago had it right when he asserted that, to get to know well a Km, a complete year is necessary.

DEDICATÓRIA

Para a Isabel que, com estoicismo e lucidez, suportou-me vários momentos de mau génio, fruto de antigas incompatibilidades com as, ainda chamadas, novas tecnologias.

AGRADECIMENTOS

- À Prof^ª. Doutora Isabel Ponce de Leão, pela sabedoria, segurança e apurado sentido pedagógico.
- À Universidade Fernando Pessoa, que continua a ser um Porto Seguro.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – Da Graça ao Martinho da Arcada	8
1.1. Largo da Graça	8
1.2. A Casa e a Literatura. Travessa das Mónicas	14
1.3. Panteão Nacional	17
1.4. Museu Militar	18
1.5. Estação de Santa Apolónia	19
1.6. Museu do Fado	19
1.7. Museu do Aljube – Sophia e Miguel Torga	20
1.8. Campo das Cebolas – Turismo	24
1.9. Cais das Colunas – As Navegações	27
1.10. Martinho da Arcada – Sophia e a Lusofonia	28
CONCLUSÃO E PROPOSTAS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO ÂMBITO DO PROGRAMA	40

A tese de doutoramento que defendemos na Universidade Fernando Pessoa, em 2015 (*O Portugal de Miguel Torga - Um Itinerário em Casa do Orfeu Rebelde*), e as investigações que desenvolvemos posteriormente levaram-nos à elaboração, em Janeiro do corrente ano, de um texto a que demos o título de ***Turismo Cultural – Um Desígnio Nacional – Propostas***.

Após a conclusão deste texto, e depois de muitas reflexões sobre o mesmo, com particular incidência sobre Literaturismo, concluímos que lhe faltava, pelo menos, uma proposta particularmente importante: utilizar intensamente a obra de Sophia de Mello Breyner num contexto de Turismo Cultural e como potenciadora e/ou complemento da nossa tese sobre a obra torguiana.

As afinidades (e cumplicidades) entre o autor de *Orfeu Rebelde* e a autora de *Poesia* são inúmeras. Encontramo-las na forma como encaram/vivem o Turismo, a Natureza, a Arte (erudita e popular), a Casa, a Infância, a Poesia, a Religião, a Política, as Navegações, os mais sublimes valores éticos (Amor, Verdade e Liberdade), a Grécia e o Brasil. Maria Adresen Sousa Tavares, falando-nos dos amigos da mãe, diz: «Grande amizade foi também Miguel Torga, que teve grande influência na decisão de editar o primeiro livro de poesia.» (in “Prefácio” a *Obra Poética* de Sophia, p.8)

Entendemos por **Literaturismo** a prática de Turismo Cultural que utiliza predominantemente como guia a obra de um ou mais escritores. Contudo, livros de História, de Arte e Monografias podem (e devem) ser utilizados por todos aqueles que querem ver «a alma das coisas» (Miguel Torga). Esta utilização ilumina a compreensão «das coisas», e, simultaneamente «as coisas» lançam mais luz para uma melhor compreensão dos textos.

Portugal tem, muito provavelmente, na literatura o seu principal Património Cultural, razão pela qual consideramos fundamental trazer (cada vez mais e com maior rigor) para o Turismo os nossos maiores escritores. (É nossa intenção trabalharmos, após a conclusão deste estudo, a longa e riquíssima obra de Agustina Bessa-Luís).

A obra sophiana está muito longe de ter a abrangência geográfica da obra torguiana, mas, como tentaremos provar, dá, em vários espaços, uma preciosa ajuda para que vejamos mais fundo «a alma das coisas». Muitos dos textos inspirados na Quinta do Campo Alegre e na Praia da Granja podem ser utilizados noutras quintas e noutras praias. Refira-se também, e isto é fundamental para a concepção deste trabalho, que a totalidade da obra sophiana (Sophia publicou regularmente durante cerca de sessenta anos) pode ser estudada num exíguo espaço lisboeta: o que vai da sua casa, na Graça, até à predilecta *casa* de Pessoa e dos seus heterónimos - o Café Martinho da Arcada -, passando pelo Panteão Nacional, Alfama, Museu Militar, Estação de Santa Apolónia, Museu do Fado, Museu do Aljube, Campo das Cebolas e Terreiro do Paço.

1. Largo Graça

Há uma palavra-chave para este lugar: «cismar», palavra tão cara para Sophia e imprescindível para a prática do Literaturismo. (Aquando do nosso doutoramento – 2015 - ainda não tínhamos lido o suficiente de Sophia para nos apercebermos da chave que essa palavra representa para o Turismo Cultural, e, por conseguinte, nunca a utilizámos).

Aqui podemos cismar com a vida da poeta antes de se fixar em Lisboa.

No poema “Nocturno da Graça” (OP: 398) há palavras como «bosque», «jardim», «lua», «rio», «silêncio», «astros» «Mulheres lavando a loiça», que nos permitem entrar na infância e adolescência de Sophia e no mundo mágico do Campo Alegre.

Foi no seio da luxuriante vegetação do Campo Alegre e da sua ruralidade (a quinta tinha então 12 hectares), a que se deve acrescentar o imenso afecto de familiares e empregadas, que Sophia entrou no mundo da poesia. Em “Arte Poética V” (OP: 898) a poeta diz-nos algo de espantoso, sobre ela (tão jovem que ainda não sabia ler!) e sobre a poesia:

Eu era de facto tão nova que nem sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram consubstanciais ao universo, que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio.

Pensava também que, se conseguisse ficar completamente imóvel e muda em certos lugares mágicos do jardim, eu conseguiria ouvir um desses poemas que o próprio ar continha em si.

No fundo, toda a minha vida tentei escrever esse poema imanente. E aqueles momentos de silêncio no fundo do jardim ensinaram-me, muito tempo mais tarde, que não há poesia sem silêncio, sem que se tenha criado o vazio e a despersonalização.

(Repare-se que o silêncio, o vazio e a despersonalização é o que Pessoa também procurava).

O jardim do Campo Alegre serve de cenário para dois dos mais famosos contos sophianos: *A Floresta* e *O Rapaz de Bronze*. Em *A Floresta* o jovem professor de música («Passa o dia a tocar violino. E também faz versos») ensina-nos que «Só a verdade e a beleza é que nos dão felicidade.» (p. 54). E em *O Rapaz de Bronze* o rapaz assegura a Florinda que «As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras.» (p. 47) e alerta-nos para os mistérios da noite.

Sophia nunca esqueceria estas lições. Diariamente, à noite, tentava traçar na «página em branco» os caminhos que podiam levar, a ela e à Humanidade, às «coisas extraordinárias» e às «coisas fantásticas».

É, também, no Campo Alegre que Sophia passa a mais extraordinária e fantástica noite do ano – A Noite de Natal, que lhe inspira o conto com esse nome. O pinheiro que «*era o Natal*» (Ruben A.: 89) era cortado na mata do Campo Alegre e transportado em carro de bois até à «*casa enorme vermelha e desmedida/Com seus átrios de pasmo e ressonância*» (OP: 704) Miguel Torga gostou tanto da cozinheira Gertrudes que, em carta de agradecimento a Sophia pela oferta do livro, diz à contista: «Só tive pena que aquela simpática Gertrudes não substituísse os Reis Magos na visita ao estábulo. A fabulosa cozinheira merecia isso. Para outra vez dê-lhe e dê-nos esse gosto». (Rocha: 273)

Gertrudes (como outras cozinheiras dos contos sophianos) era de facto uma personalidade admirável. Repare-se:

Joana (...) sabia que a Gertrudes conhecia o mundo. Todas as manhãs a ouvia discutir com o homem do talho, com a peixeira e com a mulher da fruta. E ninguém a podia enganar. (...) sabia tudo o que se passava na vizinhança e tudo o que se passava dentro das casas de toda a gente. Ela nunca se enganava. Conhecia bem o mundo, as coisas e os homens. (p. 16).

A Praia da Granja

A rebentação criava em nossa volta um halo de bruma e tumulto e habitávamos o interior dos pulmões da maresia.

(Sophia, in *Quatro Contos Dispersos*, p. 39)

A Granja é o segundo paraíso terrestre de Sophia-*A Menina do Mar*.

Mesmo depois da descoberta do Algarve (Lagos) como destino de férias, já depois de casada e mãe de cinco filhos, Sophia mantém uma paixão visceral e imaculada pela praia da “Casa Branca”:

Casa branca em frente ao mar enorme,
Com o teu jardim de areia e flores marinhas
E o teu silêncio intacto em que dorme
O milagre das coisas que eram minhas.

(...)

Em ti renascerei num mundo meu (OP: 78)

Repare-se que mesmo na casa da praia Sophia tem «flores».

A Granja é também o lugar da construção de grandes amizades. Mais à frente falaremos da amizade para toda a vida com Ernesto Veiga de Oliveira.

Na praia contígua à Granja (Aguda) encontrou Sophia dezenas de barcos de pesca que lhe inspiraram, entre outros, o poema “Barcos”.

Dormem na praia os barcos pescadores
Imóveis mas abrindo
Os seus olhos de estátua

E a curva do seu bico
Rói a solidão. (OP: 278)

Estes barcos mais do que barcos de pescadores, são «barcos pescadores». Têm vida. Têm olhos pintados na proa que vêem os cardumes. Almada, tão bem quanto Sofia, expressou o poder dos «barcos pescadores». Pensemos nos frescos da Gare Marítima da Rocha de Conde de Óbidos.

Poderíamos dizer que os «barcos pescadores» emprestam a Sophia os seus olhos e/ou ensinam-na a olhar o «Inchar e desabar da vaga/A bela curva luzidia do seu dorso/ O longo espriar das mãos de espuma». E, assim, quando visita os museus da Grécia antiga «Olhando estátuas frisos e colunas» respira «melhor como na praia». (OP)

E no poema “A Vaga” [OP] 442 compara a onda a um «Toiro» que «arremete» e a um cavalo que «sacode a crina»

Tudo na Granja sophiana é beleza, movimento, força e apelo aos sentidos. Mas é mais, é anunciação:

(...)

Jardim onde o vento batalha
 E que a mão do mar esculpe e talha.
 Nu, áspero, devastado,
 Numa contínua exaltação,
 Jardim quebrado
 Da imensidão.
 Estreita taça
 A transbordar da anunciação
 Que às vezes nas coisas passa. (OP: 126/7)

Será esta «Estreita taça» portadora de uma anunciação com maiúscula? Será um Santo Graal?

Sophia viveu a cultura popular.

Foi no Campo Alegre e na Granja que Sophia teve uma imersão na Cultura Popular.

Foi nestes dois lugares que conviveu com: cozinheiras-sábias, a criada que lhe ensinou a “Nau Catrineta”, o jardineiro, a mulher do banheiro da Granja e Ernesto Veiga de Oliveira.

Vejamos o caso do amigo etnólogo:

Para o Ernesto Veiga de Oliveira no Dia da sua Morte

(...)
 Foi nesse tempo o tempo:
 Longas tardes conversas demoradas
 No extático fervor adolescente
 Das grandes descobertas deslumbradas
 Versos dança música pintura
 Um mundo vivo em canto e em figura
 Que a vida inteira ficará comigo
 (...) (OP: 830)

Estes versos, que nos remetem para quatro manifestações artísticas (poesia, dança, música e pintura), conduzem-nos, também, para a obra de um dos mais brilhantes

etnógrafos e etnólogos portugueses do século XX, o que, para este trabalho, é de uma importância capital, pois permite-nos uma entrada segura no mundo rural (onde Torga e Jorge Dias nos esperam, como pensamos ter ficado suficientemente provado na tese de doutoramento). Pensamos ser correcto perguntar se Sophia não tivesse conhecido Ernesto Veiga de Oliveira teria escrito “O Rei de Ítaca” (poema fulcral para a compreensão do pensamento e sensibilidade da escritora):

O Rei de Ítaca

A civilização em que estamos é tão errada que
Nela o pensamento se desligou da mão

Ulisses de Ítaca carpinteirou seu barco
E gabava-se também de saber conduzir
Num campo a direito o sulco do arado (OP: 681)

Neste poema, reforçado, em boa parte pelo que lhe segue (“Esteira e Cesto” in *O Nome das Coisas*), a cultura erudita e a popular, misturam-se e alertam-nos para o que é urgente fazer: unir o trabalho intelectual ao manual, e, através desta união, olhar, compreender e amar a terra.

E na quinta do Campo Alegre e na Granja Sophia está em contacto directo com o seu «povo». «Se alguém sabe de arte é o povo. Quem viu um povo fazer um pão e talhar uma flauta, sabe que ele sabe arte.» (in *Sophia de Mello Breyner Andresen – Biografia*. p.216. Isabel Nery. A Esfera dos Livros. 2019)

Concluindo, podemos dizer que Sophia adquire a cultura popular em terra e no mar, isto é, na Quinta do Campo Alegre, e na Granja e, muito mais tarde, em Lagos. Ernesto Veiga de Oliveira (que era nove anos mais velho do que ela) ajuda-a a fazer a união da cultura que vem dos homens da terra com a que vem dos homens do mar. E destas com a cultura erudita.

1.2 A CASA e a LITERATURA

Na Travessa das Mónicas, nº 57. A Casa (só exterior) e a Literatura

As Casas

*Há sempre um deus fantástico nas casas
Em que eu vivo, e em volta dos meus passos
Eu sinto os grandes anjos cujas asas
Contêm todo o vento dos espaços.*
(OP: 187)

Começámos por designar este capítulo por A Casa e a Poesia, mas rapidamente concluímos que A Casa e a Literatura era uma designação mais apropriada. A prosa de Sophia também é assombrosa. Os contos «O Homem», «Retrato de Mónica», «Era uma vez uma Praia Atlântica» são, em nossa opinião contos de dimensão universal. Em «O Homem» há passagens arrepiantes:

- O seu fato (...) deixava adivinhar um corpo comido pela fome.
- A sua cara escorria sofrimento.
- Muitos anos passaram. O homem certamente morreu. Mas continua ao nosso lado. Pelas ruas.

Em «Retrato de Mónica», conto com menos de quatro páginas, é-nos dado um retrato profundíssimo de uma mulher e de uma sociedade, que não estarão, agora, ao nosso lado, mas seguramente minam várias sociedades pelo mundo.

Era uma vez uma Praia Atlântica leva-nos a sentir pelas praias atlânticas preservadas a paixão que Sophia sentia pela Granja

Em quatro poemas seguidos (OP: “Vela”, “A Luz e a Casa”, “A Noite e a Casa” e “Espera”; pp. 519-522), e sempre à noite, a casa tem vida («respira e está atenta»), a casa cisma, a casa tem um deus. Há silêncio e vazio. Sophia tem as condições ideais para a despersonalização (mas sem deixar de estar [«atenta como uma antena» (OP: 891)] e para criar Poesia.

Sophia disse-nos: «Há sempre um deus fantástico nas casas/Em que eu vivo». Compreende-se, assim, que a poeta trabalhe, em casa, «sem cessar» com o seu «Gládio» (Pessoa) «para a reconstrução do mundo.»

Sabe-se, sobejamente, que a vida/relação do casal Sophia e Francisco de Sousa Tavares não foi fácil. Objectivamente podemos dizer que se divorciaram depois de mais de trinta anos de casados. Mas podemos e devemos dizer que durante o tempo de casados (e mesmo antes) Francisco teve uma enorme influência na obra de Sophia. Sophia diz-nos com orgulho o que considerava de notável em Sousa Tavares:

1º. Para o Francisco
que me ensinou a coragem
e a alegria do combate desigual. (Dedicatória do livro *Contos Exemplares*)

É uma dedicatória lindíssima, mas que esquece algo de particularmente importante. O combate do casal Sousa Tavares contra o poder instituído em Portugal, em muitas situações, não era muito desigual. Sophia e Francisco eram seguramente bastante mais inteligentes e mais cultos do que a média dos seus adversários.

2º. Porque

(...)
Porque os outros vão à sombra dos abrigos
E tu vais de mãos dadas com os perigos.
Porque os outros calculam mas tu não. (OP: 389)

3º. Em 27-11-1966 escreve a Francisco:

«Faz hoje 20 anos do nosso casamento! É inacreditável que tenha passado tanto tempo,

sem que nada tenha envelhecido.» (Isabel Nery: 99)

Em *Mar Novo* Sophia tem dois poemas de enorme pessimismo em relação à Poesia: “A bela e pura palavra Poesia” (OP: 366) e “Ó Poesia sonhei que fosses tudo” (376)

Mas a poesia em casa de Sophia permaneceu sempre. Ela sabia que «A casa foi sagrada» e pode continuar a ser, se não se perder a dimensão poética da habitação. (Ver poema “Habitação” (OP: 785)

Em “Bach Segóvia Guitarra” Sophia fala da importância da música. Ela é chamada pela «voz da guitarra» o que lhe permite afirmar:

(...)

E agora de mim
Não me separa nada
Quando oiço cantar
A música do ser
Nostalgia ordenada
Num silêncio de areia
Que não foi pisada (OP: 517)

Para Sophia, nascida em Portugal, em 1919, um avião deve ter sido sempre um «pássaro» estranho, o qual poderia ser mesmo devastador. Sim, Sophia estava atenta ao que se passava no mundo e sabia que por vezes podia dizer:

(...)

Porém noutro lugar noutro silêncio
Bandos passaram em voos de terror
E a morte nasceu dos ovos que deixaram

A lua não encontrou depois as flores
Ninguém morava dentro dos muros brancos
E a noite em vão buscava o seu cipreste (OP: 930)

Embora Sophia gostasse do lugar onde vivia – Travessa das Mónicas – perto do Largo da Graça, manteve sempre a nostalgia da mata e da praia.

A cidade de Lisboa aparece geralmente como espelho do poder, que tanto no tempo da ditadura como no pós 25 de Abril nunca soube encontrar a “Forma Justa”.

As ruas são tristes e têm polvos que estrangulam (ver “Cidade”, OP: 474); há deuses da destruição (ver “Fúrias” (OP: 814) e “Tempo de Não”, (OP: 767); e tem «diversas Reboleiras (...) atrozes e sem Tejo», diz-nos (em 1978) a poeta em nota explicativa de um dos seus poemas mais pessimistas:

Inversa navegação
Tédio já sem Tejo
Cinzento hostil dos quartos
Ruas desoladas
Verso a verso
Lisboa anti-pátria da vida (OP: 747)

1.3. PANTEÃO NACIONAL

Os restos mortais da primeira mulher galardoada com o Prémio Camões encontram-se, desde 2014, no Panteão Nacional. É grandioso e é preocupante. Grandioso porque houve um enorme consenso na Assembleia da República quando a proposta da trasladação foi apresentada. Preocupante porque falta alma ao monumento onde estão os túmulos de boa parte dos mais ilustres portugueses. Era necessário (e seria tão fácil) que a poesia tivesse uma presença forte neste monumento funerário, que deveria ter como principal função convidar os visitantes a cismarem sobre a obra intemporal dos heróis lá sepultados.

Frequentemente Sophia tem uma enorme dificuldade em aceitar a morte, não só pelo que ela significa de ausência dos seres queridos, mas também pelo horror e revolta que sentia em relação ao destino do corpo (que ela tanto amava). “Traduzido de Kleist” [OP], 939, “Meditação do Duque de Gandia sobre a Morte de Isabel de Portugal” (OP: 374), são poemas paradigmáticos do sentimento referido.

Mas Sophia conseguia ultrapassar essa paralisação perante a morte. O poema “Túmulo de Lorca” é um bom exemplo:

(...)
 Não podemos aceitar. O processo não cessa
 Pois nem tu foste poupado à patada da besta
 A noite não pode beber nossa tristeza
 E por mais que te escondam não ficas sepultado. (OP: 511)

1.4. MUSEU MILITAR (só exterior)

O Museu Militar é pouco visitado, mas é um dos melhores museus nacionais. Não só pelo valor da colecção de armas de fogo, mas também porque possui pintura histórica da autoria de quatro dos maiores pintores portugueses do século XIX. (Columbano, Malhóia, Condeixa e Carlos Reis).

Junto à entrada poente há dois grandes jacarandás que nos permitem evocar um poema de Eugénio de Andrade “Canção de Leonoreta”, que Sophia seleccionou para o seu *Primeiro Livro de Poesia*: «Borboleta, borboleta,/ flor do ar, onde vais que me não levas?/ (...) Vou ver o jacarandá,/ Que já deve estar florido.». Não esqueçamos que em *O Rapaz de Bronze* as borboletas são as mensageiras entre as flores.

Eugénio de Andrade faz-nos mergulhar num mundo de beleza: é o rio, é o jacarandá em flor e, principalmente é a borboleta - «flor do ar». Só uma alma poética e um senhor do dom da palavra consegue conjugar estas espantosas palavras: «flor do ar»!

A paragem junto ao Museu Militar serve, também, para nos ajudar a sentir melhor o mais impressionante, em nossa opinião, poema de *Primeiro Livro de Poesia*: “Meninas e Meninos” do poeta timorense Fernando Sylvan.

Meninas e Meninos

Todos já vimos
 nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
 retratos de meninas e meninos
 a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos
 nos livros, nos jornais, no cinema e na televisão
 retratos de cadáveres de meninos e meninas

que morrem a defender a liberdade de armas na mão.

Todos já vimos!
E então?

Respondendo especificadamente à pergunta e ao desafio de Fernando Sylvan, Sophia escreveu o conto *O Anjo de Timor* (infelizmente muito pouco divulgado), ilustrado por Graça Morais (são as ilustrações mais bonitas que conhecemos da grande artista transmontana).

1.5. ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA (Vista de longe)

Estranhamente (e ao contrário de Torga) Sophia não aborda a questão da emigração. Tem, contudo, um poema que merecia ser musicado e cantado por uma excelente fadista.

Despedida

Na estação na tarde o fumo
O rumor o vaivém as faces
Anónimas
Criam no interior do amor um outro cais
As lágrimas
O fogo da minha alma as queima antes que brotem (OP: 455)

1.6. MUSEU DO FADO

Sophia foi musicada para o Fado. Só conseguimos apurar que é cantada por Katia Guerreiro e Mafalda Arnauth, mas há seguramente outros fadistas que cantam Sophia.

Chamamos a atenção para a proposta 11^a da nossa tese de doutoramento.

Chamamos ainda a atenção para algo que, a confirmar-se, é preocupante: não existe um registo de autores, por ordem alfabética, de poemas cantados por fadistas.

1.7. MUSEU DO ALJUBE – SOPHIA E MIGUEL TORGA

Sophia, embora doze anos mais nova do que Torga, conheceu um Portugal com fortes semelhanças ao do autor de *Portugal*. Esse país, que tanto marcou as obras de ambos os escritores, ainda dava alguns sinais de vida em finais do século passado, porventura em inícios deste. Hoje, 2019, o Portugal de Torga e de Sophia está morto. Há, contudo, alguns milhares de pessoas com mais de setenta anos que vivenciaram o Portugal agora extinto. E se uma quantidade considerável dessas vivências foi científica e literariamente registada com espantoso rigor, muitas (algumas delas preciosas) estão sem qualquer espécie de registo. Será que nos próximos 5/10 anos realizar-se-á esse registo? E será Portugal capaz de, «sem cessar», trabalhar «para a reconstrução» (OP:710) do remo e do arado? Torga dizia que o Portugal eterno é «o Portugal do remo e do arado». Não é preciso irmos tão longe (seria mesmo perigoso irmos tão longe), mas com bom senso, e muito estudo, encontraremos a medida certa.

Sophia e Torga lutaram incansavelmente pelos mesmos valores. Talvez tenha sido Torga quem os sintetizou em menos palavras: «Amor, Verdade e Liberdade». Poderíamos ainda acrescentar outro espantoso valor: a Alegria. Num dia de passeio pela Nazaré o autor de *Mar* escreveu:

No seu sentido mais profundo, a vida é bela e alegre. Todos nós tivemos já a experiência disso milhares de vezes. Provas sobre provas de que não há primavera sem flores, nem outono sem frutos. Mas, apegados como estamos, à aparência de tudo, esquecemos a voz do profundo, e ouvimos deliciados o som da superfície. Temos o vício da tristeza.

(...) Caminhar sobre dunas, ao nascer do sol, por entre pinheiros floridos, a ouvir o mar, é bem a felicidade. É bem ter a consciência protoplásmica de que viver é uma graça da natureza. (16-5-1946)

E Sophia termina o poema “A Casa de Deus” com este sublime verso: «Porque Deus nos criou para a alegria» (OP: 923). E no conto “Os Três Reis do Oriente” Baltazar viu uma estrela, que parecia estar muito perto da terra, e que mostrava «a alegria, a alegria una, sem falha, o vestido sem costura da alegria, a substância imortal da alegria.» (p. 33).

Ambos os poetas viveram de forma particularmente semelhante o Portugal político de Salazar e de Marcelo Caetano; o 25 de Abril; e o período de intensíssima demagogia entre 74 e 76. «Pois é preciso saber que a palavra é sagrada (...) Com fúria e raiva acuso

o demagogo/ Que se promove à sombra da palavra (O.P. p. 671). Ao contrário de Torga, Sophia nunca esteve presa, mas tal facto não a impossibilitou de, na véspera do 25 de Novembro de 1975, responder lacónica e tranquilamente, junto à Assembleia da República, a uma multidão enfurecida que a acusava de fascista: «Fascista, eu?!» (Maria Velho da Costa)

Ambos atribuíam um valor transcendente à *Casa*. Quando Torga entregou a chave da sua casa de S. Martinho à tradutora francesa Claire Cayron, convidada pelo poeta para, sozinha, passar uns dias no “Reino Maravilhoso”, disse-lhe: «tem aqui a chave da minha alma.». E Sophia, como já vimos, dizia: «Há sempre um deus fantástico nas casas/Em que eu vivo».

Ambos tinham uma enorme paixão pelas viagens. Torga dizia: «é por funda necessidade cultural que eu peregrino esta pátria (...). Eça falhou n’*A Cidade e as Serras* porque nunca calcorreou as serras.» e Sophia acreditava que quem viaja renasce: «E outro nasceu de tudo quanto viu» (OP: 825)

O vinho, tão importante em termos de turismo cultural, tem uma presença frequente e muito forte na obra de ambos os poetas. Por vezes sentimo-nos tentados a afirmar que para os dois um bom vinho vale tanto quanto um bom poema.

BUCÓLICA

A vida é feita de nada:
 (...)

De poeira;

De sombra de uma figueira;

De ver esta maravilha:

Meu Pai a erguer uma videira

Como uma mãe que faz a trança à filha. (Torga, *Diário*: 1º. Vol.)

A BACO (último poema de *Odes* e selecionado por Torga para C.D. de 80 poemas)

Vou-te cantando, Baco!

Não pela colheita de hoje, que é pequena,

Mas pela de amanhã, muito maior!

(...)

Vou-te cantando, e vou cantando o sol,

A terra, a água, o lume e o suor.
(...)

Sophia, logo no seu primeiro livro, *Poesia*, diz-nos de Bakkos:

Evohé Bakkos

Evohé deus que nos deste
A vida e o vinho
E nele os homens encontraram
O sabor do sol e da resina
E uma consciência múltipla e divina. (OP: 69)

Repare-se nos surpreendentes poderes de Bakkos: dá-nos a vida e o vinho. E no vinho os homens podem encontrar «O sabor do sol e da resina/ E uma consciência múltipla e divina.» Uma consciência divina! A Humanidade pode ser divina! Também aqui há fortes afinidades com Torga.

No conto «O jantar do Bispo», de *Contos Exemplares*, a poeta diz-nos sobre o vinho de «Varzim»: «O vinho onde, como num poema, ficam guardados o sabor das flores e da terra, o gelo do Inverno, a doçura da Primavera e o fogo dos Estios. E dizia-se que o vinho daquelas encostas, como o bom poema, nunca envelhecia.» (pp.47/8)

Apesar das semelhanças existem também diferenças.

Porventura a maior prende-se com as origens sociais e as relações sociais que se manterão ao longo de toda a vida. Seguramente Torga não conseguiria escrever: «O Jantar do Bispo», «O Retrato de Mónica», e «Praia» de *Contos Exemplares*; e «História da Gata Borralheira» de *Histórias da Terra e do Mar*. E Sophia seria incapaz de ir tão longe quanto Torga na análise do povo. Pensamos essencialmente em *Contos Da Montanha e Novos Contos da Montanha*.

Sophia era católica praticante. Torga seria agnóstico. Pensamos ser correcto afirmar que para os dois a figura mais extraordinária do catolicismo, e uma das maiores de sempre da Humanidade, foi S. Francisco de Assis. Para Torga vejam-se as entradas do *Diário* de 7-9-1981 e 20-10-1993 e para Sophia o poema “São Francisco de Assis”: «(...) Amaste o Criador não apenas em sua Transfiguração e Palavra/ Mas também no

temporal jardim das coisas criadas/ Saudaste o emergir e a frescura do visível (...).
(O.P. p.915)

Ambos os poetas tinham uma incomensurável admiração pelo colega Pessoa, mas há uma grande diferença na forma como abordam a sua obra. Para Torga, Pessoa é essencialmente o poeta da *Mensagem*, enquanto que para Sophia, Pessoa é, antes de mais, o poeta helénico; não somente Ricardo Reis, mas também, e talvez sobretudo, Alberto Caeiro (ver *O Nu na Antiguidade Clássica*, p. 115)

Torga, embora venerasse a cultura grega, é essencialmente um discípulo de Camões, Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno. Sophia é essencialmente uma discípula de Camões, Pessoa, Torga, João Cabral de Melo Neto, Jorge Sena e, obviamente, dos grandes escritores, escultores e arquitectos gregos.

Os dois, Sophia e Torga, em conjunto, podem ser uma espantosa mais valia para a cultura do sul da Europa.

Não conseguimos perceber porque é que se refere tão poucas vezes Torga quando se fala de Sophia. E isto espanta-nos com maior intensidade quando se trata de trabalhos posteriores a 2013. Deste ano temos as Actas do Congresso Internacional sobre Sophia de Mello Breyner e nelas encontra-se a comunicação de Clara Rocha «Sophia e Torga». O que dizer da carta (há, no espólio de Torga, 25 cartas de Sophia) em que a autora de *Contos Exemplares* escreve a respeito do vol. IV do *Diário*: Diz-se às vezes que a língua portuguesa é um instrumento imperfeito, etc. Quando você escreve eu tenho a impressão de que é a língua mais cheia de nobreza, de plenitude e de verdade. E isso é em si um dom tão natural como respirar». (Rocha: 271)? Que mais se poderia querer para provar a espantosa admiração de Sophia por Torga? Mas acrescente-se palavras da autora de *Navegações* aquando de uma homenagem a Torga em 1978: «um poeta que através de uma apaixonada consciência do país natal nos ensina a procurar a verdade universal da nossa habitação humana do terrestre» (Rocha: 274)

Sobre “A Pequena Praça” (*Dual*) Torga afirma: «do mais belo e pungente que a sua poesia nos deu». (273)

Perante a notícia de doença incurável da mãe, Sophia convoca «os caixeiros» que «dobram e desdobram fitas e fazendas» (como faz lembrar Cesário!), «o vendedor de jornais», «o vendedor de tabaco», a «mulher sem pernas que vendia violetas»; mas convocava também «as ruas os lugares as gentes». Era imperioso desfazer «O tecido que a morte entrelaçava» na mãe porque, assegura Sophia: «mal abri os olhos foi para ler/ A vocação do eterno escrita no teu rosto» As pequenas praças também fascinavam Torga. No conto “O Estrela e a Mulher”, em nossa opinião o melhor conto de *Rua*, há um espantoso calor humano na pequena praça coimbrã onde tantos ofícios se cruzam.

Mas o que mais importa salientar num trabalho de Literaturismo é:

1. O espantoso contributo que Sophia e Torga podem dar para que as novas gerações confiem na força e beleza do Património Natural;
2. Temos defendido em várias comunicações que a UNESCO deveria classificar a obra dos grandes escritores como Património Imaterial da Humanidade. A obra de Sophia e a obra de Torga, pelos valores éticos de defendem e pela forma como sentiram e nos fazem sentir a natureza, mereciam essa classificação.

1.8. CAMPO DAS CEBOLAS - TURISMO

A Casa dos Bicos foi cedida por vinte anos à Fundação Saramago. Por que não instalar lá o Museu dos Escritores. A Irlanda, talvez o país que mais pratica o Literaturismo, tem em Dublin um Museu dos Escritores.

A obra de Sophia é, como pensamos que está suficientemente explícito na introdução deste trabalho e nos temas aqui tratados, de um enorme valor para o turismo, mas realce-se agora dois aspectos:

1º. O seu poder de síntese. Infelizmente nunca temos tempo suficiente para viajar. É necessário, por conseguinte, termos informação de qualidade, sucinta e que nos empolgue. Tarefa quase impossível. Mas Sophia (o mesmo se passa com Torga) consegue realizá-la. Repare-se no poema de dois versos dedicado a Mariana Alcoforado/Soror Mariana:

Soror Mariana

Cortaram os trigos. Agora
A minha solidão vê-se melhor (OP: 658)

Poderá haver melhor texto para uma introdução a uma visita à paisagem do Baixo Alentejo e ao convento (hoje museu) de Beja, onde Mariana Alcoforado viveu uma das mais intensas histórias de amor registada pela literatura?

E num poema de quatro versos dedicado a uma pinacoteca:

Museu

Aqui – como convém aos mortais –
Tudo é divino
E a pintura embriaga mais
Que o próprio vinho (OP: 697)

2º. A prática e uso do mágico verbo cismar. Sophia cismava (quase) sempre. Torga dizia que a sua colega atravessava a vida «a sonhar». Contudo «sem sonegar à realidade a atenção que lhe é devida» (*Diário*: 8-8-1978). E, quando Sophia gostava de um monumento, acreditava que ele também cismava. Em “A Activista Cultural” diz-nos: «O passo decidido não acerta com o cismar do palácio». (OP:870)

Pensamos que os poemas sophianos nasciam quando o cismar de Sophia se encontrava com o cismar do lugar.

Esta capacidade de Sophia de cismar, não só em casa e não só com a poesia, provoca-lhe

Uma profunda indignação quando se cruza com “Turistas no Museu” e com “A Activista Cultural”. Os turistas que viajam em grupo e que Sophia diz que «Caminham em rebanho como animais», têm frequentemente pouca preparação cultural e pouca autonomia. “A Activista Cultural” tem, por norma”, formação universitária. Mas de facto não é suficiente ter formação universitária. É preciso que a formação seja boa, isto é, muita formação artística e uma formação ideológica capaz de respeitar as diferentes sensibilidades.

Turistas no Museu

Parecem acabrunhados
Estarrecidos lêem na parede o número dos séculos

O seu olhar fica baço
Com as estátuas – como por engano –
Às vezes se cruzam

(Onde o antigo cismar demorado da viagem?)

Cá fora tiram fotografias muito depressa
Como quem se desobriga daquilo tudo
Caminham em rebanho como os animais (OP:871)

A Activista Cultural

O passo decidido não acerta com o cismar do palácio
O ouvido não ouve a flauta da penumbra
Nem reconhece o silêncio
O pensamento nada sabe dos labirintos do tempo
O olhar toma nota e não vê (OP: 870)

Um dos poemas com mais musicalidade e mais imagens de Sophia – os Biombos de Nambam – é muito provavelmente o que coloca mais desafios em termos turísticos. É fantástico vermos «O tão longe tão ao pé», mas isso não significa que «o mundo encontrado/ É muito mais belo/ Do que o imaginado». Temos que ser objectivos e exigentes. A higiene, a gastronomia, a hospitalidade têm um grande percurso a percorrer, e a preparação cultural de quem viaja e de quem recebe os viajantes não tem feito progressos consideráveis.

Os Biombos Nambam

(...)

Enquanto no alto
Das mastreações
Fazem pinos dão saltos
Os ágeis acrobatas
Das navegações

Dançam de alegria
Porque o mundo encontrado
É muito mais belo
Do que o imaginado.» (OP: 806)

1.9. CAIS DAS COLUNAS – AS NAVEGAÇÕES

Este tema surge, de uma forma mais ou menos explícita, em todos os lugares deste trabalho/Itinerário.

É um tema capital para Sophia. A abordagem é feita essencialmente em *Navegações*, mas surge também em *Dia do Mar*, *No Tempo Dividido*, *Mar Novo*, *Livro Sexto*, *Geografia*, *Dual*, *O Nome das Coisas*, *O Búzio de Cós e outros Poemas*, *Poemas Diversos*.

Sophia faz uma abordagem objectiva das navegações dos portugueses, embora com um forte cunho pessoal. Três exemplos: 1º. «E ousaram (...)/ Viver a inteireza do possível» (?); 2º. «Para mim o tema das *Navegações* não é apenas o feito, a gesta, mas fundamentalmente o olhar, aquilo a que os gregos chamavam *aletheia*, a desocultação, o descobrimento. Aquele olhar que às vezes está pintado à proa dos barcos.» (OP: 752) 3º. “PAINÉIS DO INFANTE” «Príncipes do silêncio ó taciturnos/ Por quem chamava nos longínquos céus nocturnos/ A verdade das estrelas nunca vistas. A vossa face é a face dos elementos,/ Solitária como o mar e como os montes/ Vinda do fundo de tudo como as fontes/ Dura e pura como os ventos.» (O.P. p. 156)

Este tema (principalmente se dermos mais ênfase à palavra Expansão) está longe de se encontrar resolvido/esclarecido pelos portugueses. A exposição *Contar Áfricas!*, patente no Padrão dos Descobrimentos, entre Novembro de 2018 e Abril de 2019, e que teve um comissariado científico composto por 43 elementos, esteve longe de conseguir uma abordagem objectiva. Sophia talvez consiga dar um contributo importante para uma visão conciliadora sobre a expansão. Depois de poemas que vão do «espantoso esplendor» ao «espantoso sofrimento» [“Navegações Descobrimto-Encobrimento”: Pecados cupidez crua violência/ Inaceitáveis memórias ensombrando/ O puro emergir e a flor da transparência (OP: 916)] a autora de *Saga* termina o seu livro *Navegações* com o poema “Estilo Manuelino”:

Estilo manuelino:
 Não a nave românica onde a regra
 Da semente sobe da terra
 Nem o fuste de espiga
 Da coluna grega
 Mas a flor dos encontros que a errância
 Em sua deriva agrega (OP: 749)

1.10. MARTINHO DA ARCADA – Sophia e a Lusofonia

O Martinho da Arcada é uma jóia do património lisboeta, mas, década após década, ninguém é capaz de pegar, com força, determinação e lucidez nos desafios que ele nos lança

O Café de Pessoa, de Almada, de Carlos Queiroz e de tantos outros artistas é um dos mais antigos cafés do mundo e está situado num centro histórico de valor universal, visitado anualmente por centenas de milhares de turistas razoavelmente motivados para a cultura. É imperioso realizar uma revolução cultural no Martinho da Arcada.

Aqui deveriam começar e/ou terminar diariamente Itinerários Literários. O de Sophia era um dos obrigatórios.

O lugar de excelência para um encontro com Sophia seria em sua casa na Travessa das Mónicas, mas como tal não é possível, elegemos o Martinho da Arcada.

Propõe-se um encontro de Sophia com Pessoa, através de uma cópia do quadro do poeta por Almada (pintura pitagórica, como diria Fernando Pampelona). Este momento seria utilizado pela poeta para:

Perguntar a Pessoa (e, porque não, a quase todas as pessoas): «Porque foram quebrados os teus gestos?/ Quem te cercou de muros e abismos?» (O.P. p. 652)

Falar da sua paixão pela cultura grega.

Os poemas “Homenagem a Ricardo Reis I” e “Homenagem a Ricardo Reis III” parecem-nos as duas mais fortes homenagens das sete que Sophia lhe presta na Antologia de poemas sobre a Grécia e Roma. Ambas repetem a postura diária de Sophia perante o mundo - «atenta e exigente», como diria José Manuel dos Santos (assessor cultural de Mário Soares e de Jorge Sampaio, e autor da proposta de transladação dos restos mortais de Sophia para o Panteão Nacional).

Homenagem a Ricardo Reis I

(...)

Cada dia te é dado uma só vez
E no redondo círculo da noite

Não existe piedade
Para aquele que hesita.

Mais tarde será tarde e já é tarde.
O tempo apaga tudo menos esse
Longo indelével rasto
Que o não vivido deixa.

(...)

(in *O Nu na Antiguidade Clássica – Antologia de Poemas sobre a Grécia e Roma*, p. 163. Assírio & Alvim. 2019)

Homenagem a Ricardo Reis III

Ausentes são os deuses mas presidem.

(...)

O seu olhar ensina o nosso olhar:

Nossa atenção ao mundo

É o culto que pedem.

(in *O Nu na Antiguidade Clássica – Antologia de Poemas sobre a Grécia e Roma*, p. 165. Assírio & Alvim. 2019)

Propõe-se, também, um encontro de Sophia com a cultura Lusófona, utilizando, essencialmente, a antologia por ela organizada - *Primeiro Livro de Poesia*.

Sophia, nos livros para a infância (que também são para adultos), fala essencialmente da solidariedade, da justiça, da natureza e do Menino Jesus. Na Poesia (que é essencialmente para adultos) a poeta quer ir até à revelação do divino, que para Sophia é, essencialmente o Deus do Cristianismo. A Corte Celeste da autora d’*O Cristo Cigano* está entre o São Pedro «Bonacheirão» de Manuel Bandeira (“Irene no Céu”) e o Deus de Pessoa, do poema

Gládio:

Deu-me Deus o Seu Gládio, porque eu faça
A Sua santa guerra.

(...)

E eu vou, e a luz do Gládio erguido dá
Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,

Pois, venha o que vier, nunca será

Maior do que a minha Alma!

Primeiro Livro de Poesia

É um livro de sonho, onde, num ambiente frequentemente rural, viajamos entre o «espantoso esplendor» e o «espantoso sofrimento». A autora d'*A Floresta* apresenta as suas credenciais, no que respeita a selecção em causa, no Posfácio da Primeira Edição:

É possível que muitos considerem este livro difícil. Mas a cultura é feita de exigência. Por isso afastei o infantilismo, o simplismo. Uma criança é uma criança mas não é um pateta.

(...)

Ao longo de mais de dez anos fiz e refiz, escolhi e retirei, substituí e acrescentei e, várias vezes, perante as dificuldades encontradas, parei e adiei.

Não é necessário citar mais para nos apercebermos não só do cuidado posto pela poeta neste trabalho, mas também para sentirmos a forte afinidade dela com os autores dos oitenta poemas escolhidos.

Como já foi dito a Antologia em causa é composta por 80 poemas. Discriminemos, por nacionalidades, os seus autores e respectiva quantidade de poemas seleccionados:

Portugueses - «Romance Popular» (4); «Tradicional» (1); Airas Nunes (1); Alexandre O'Neill (1); António Nobre (1); Bocage (2); Cesário Verde (1); D. Dinis (1); Eugénio de Andrade (2); Gil Vicente (2); Fernando Pessoa (4); Gomes Leal (3); Jaime Cortesão (1); João Roriz Castelo Branco (1); Luís de Camões (7); (Miguel Torga (3); Pedro Homem de Melo (1); Ruy Cinatti (2); Sidónio Muralha (1); Teixeira de Pascoaes (1); Violeta Figueiredo (1); Vitorino Nemésio (1).

Total de poemas portugueses – **43**.

Brasileiros – João Cabral de Melo Neto (2); Jorge de Lima (1); Manuel Bandeira (3); Odylo Costa (2); Ribeiro Couto (2).

Total de poemas brasileiros – **10**.

Moçambicanos – Glória de Sant'Anna (1); José Craveirinha (2); Mutimati (2); Noémia de Sousa (1); Reinaldo Ferreira (1).

Total de poemas moçambicanos – 7.

Angolanos - Henrique Guerra (1); Manuel Lima (1); Manuel Rui (1); Maria Eugénia Lima (1); Rui Bueti (1); Viriato da Cruz (1).

Total de poemas angolanos – 6.

Cabo Verdeanos – Aguinaldo Fonseca (1); Daniel Filipe (1); Jorge Barbosa (1); Terêncio Anahory (1).

Total de poemas cabo verdianos – 4.

Timorenses – Fernando Sylvan (1); Jorge Barros Duarte (1); Jorge Lante (2).

Total de poemas timorenses – 4.

São Tomenses – Alda do Espírito Santo (1); Caetano da Costa Alegre (1); José Tenreiro (1).

Total de poemas são tomenses – 3.

Guineenses – António Baticã Ferreira (1); Vasco Cabral (1).

Total de poemas guineenses – 2.

Esta pequena Antologia, que exige aos poetas que se casem «com a respiração do Mundo» [(Baltazar Lopes- Osvaldo Ancântara) p. 9], só por si, merecia ser tema de uma tese de doutoramento. Entre outras valências é um trabalho que apresenta características da maior importância para a compreensão da obra de Sophia:

- Sophia, na sua poesia, nunca aborda a infância alheia. Porquê? É uma pergunta para a qual não encontramos resposta. A abordagem poética da infância dos outros é feita, por Sophia, através de colegas seus. Na Antologia em causa há dois poemas que tocam «o espantoso sofrimento do mundo»: “Meninos de Timor”, do timorense Jorge Barros Duarte; e “Meninas e Meninos”, também de um timorense (Fernando Sylvan); e um poema toca o «espantoso esplendor» “A Criança recém-nascida, do brasileiro João Cabral de Melo Neto. Repare-se que dois dos poetas são timorenses e debruçam-se sobre o genocídio de Timor, de finais do século passado, e da indiferença do mundo.

- Sophia, com a escolha que faz, introduz-nos, como diria Torga, no mundo do «remo e do arado», isto é, num mundo que teria afinidades capitais com o mundo da sua infância. São dezenas os exemplos que se poderiam dar. Fiquemo-nos por aqueles que sentimos mais capazes de provocar em nós alguma mudança.

A nau Catrineta. (Romance popular português)

Sophia tinha plena consciência de que para se atingir «A terra o sol o vento o mar» e «uma cidade humana (...) / Fiel à perfeição do universo», é necessário ter a coragem e a rectidão do comandante da Nau Catrineta e a coragem que ela própria, Sophia, demonstrou na denúncia de tantas prepotências, ao longo de tantos anos. Sim, ela sabia que o Minotauro a qualquer momento pode saltar «sobre a nossa vida/Com veemência vital de monstro insaciado» [OP], 692.

O Brasileiro Ribeiro Couto (grande amigo de Torga), nos poemas “Santos” e “Café”, leva-nos, com todos os nossos sentidos e afecto, para o ambiente portuário e familiar de Santos. Nos dois poemas de Ribeiro Couto da Antologia em causa os barcos, os armazéns de sacos de café, o negócio honesto, a «azáfama dos embarques», «o apito triste dos cargueiros que partiam», a brincadeira, o café («sabor de família») estão presentes com uma imensa intensidade e descritos com uma perfeição inexcelável.

Sophia é algo parcimoniosa em falar-nos de música. Contudo, o seu poema Bach Segóvia Guitarra e os contos *A Floresta* e *A Árvore* não nos deixam dúvidas quanto à sua sensibilidade musical. Acrescente-se ainda a sua escolha para a Antologia do poema “Quero ser tambor” do moçambicano José Craveirinha. As noites tropicais africanas, as madeiras africanas, a musicalidade africana entram em nossa casa com cada verso do poema.

Lusitânia no Bairro Latino (António Nobre)

Sophia «quasi» que poderia ser autora deste poema. Não na Granja, mas na praia da Aguda (contígua à Granja). Aí havia em meados do século passado, «47 bateiras grandes, de cinco tripulantes cada, e 17 barcos pequenos, de dois tripulantes» (_____ 32). Mas veja-se também os dois poemas “Barcos” O.P.: 278 e 434).

Horizonte (Fernando Pessoa)

Sophia, certamente, identificava-se profundamente com o autor deste poema. Quando ousamos ter «sensíveis/ Movimentos da esperança e da vontade» conseguimos alcançar «Os beijos merecidos da verdade» e entramos no paraíso, tão sophiano, de «árvores», «sons», «cores», «praia», «flor», «ave» e «fonte».

O Ferro (Mutimati) – “O Ferro” é muito provavelmente o mais telúrico dos 80 poemas e um dos mais carinhosos (carinho pela criança e carinho pela terra). O «pastor de cabritos» tem ao longo do poema uma excelente explicação não só poética, mas também técnica sobre o fabrico do ferro. «Só a arte é didáctica.», diria Sophia.

Sim, esta Antologia é também um livro de Sophia e Sophia é uma alma gémea dos quarenta e três poetas desta Antologia.

Imaginamos o último momento desta presença no Matinho da Arcada com Sophia recebendo do seu colega Pessoa o gládio e uma folha em branco. O que escreveria a autora de *Poesia*?

Conclusão e Propostas

Todos nós já vimos e sentimos coisas que vão do «espantoso esplendor» ao «espantoso sofrimento». E todos nós concordamos, certamente, com a jovem Sophia quando, na época de *Poesia*, escreveu:

Mais do que tudo, odeio
Tantas noites em flor da Primavera,
Transbordantes de apelos e de espera,
Mas donde nunca nada veio. (OP: 85)

A questão que Torga colocava em 1947 - «O único problema do nosso tempo é saber como se hão-de guindar as massas à vida e à cultura. (...) os quadros da nossa cultura têm possibilidades que não foram nem de longe esgotadas. (...) Mas para isso não basta só uma doutrina. É preciso também uma devoção humanitária.» (in *Diário*, p. 387) (Sophia diria: é necessário a procura da santidade) - continua, em boa parte, por responder. Mas somente em boa parte. A autora de *O Nome das Coisas* chamou a atenção dos seus leitores para o facto de que «só a arte é didáctica». E Sophia, Torga e um assinalável número de artistas, nacionais e estrangeiros, produziram/produzem obras que provavelmente colocam a Humanidade no patamar do “Quasi” de Mário de Sá-Carneiro: «Um pouco mais de sol – eu era brasa,/ Um pouco mais de azul – eu era além./Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...»

O «espantoso esplendor» e o «espantoso sofrimento» com que Sophia viveu, e viu viver, foram, genialmente, passados pelas suas mãos para os seus *cadernos*

Passamos a apresentar **Propostas** que fomos encontrando ao longo das nossas navegações nos oceanos d’*A Menina do Mar*. Pensamos que elas, desde que sejam aperfeiçoadas e devidamente implementadas, darão um contributo para que a Humanidade dê o «golpe d’asa» (Sá-Carneiro) que ainda não soube, ou não teve a coragem de dar.

1. Apesar do Campo Alegre (actual Jardim Botânico) de Sophia estar tristemente amputado e parcialmente cercado por uma via rápida, encerra, em grande parte graças ao que sobre ele escreveram Sophia e o seu primo Ruben A., um potencial turístico-literário de um espantoso valor. Impõe-se:

1.1. A formação de guias na área da literatura e não, como é a situação presente, exclusivamente na área da botânica.

1.2. Dedicar, anualmente, uma noite ao conto *O Rapaz de Bronze*.

1.3. Realizar diversos encontros anuais de escolas, desde o ensino primário ao secundário, privilegiando as que têm alunos dos Palop, do Brasil e de Timor. Dar-se-ia prioridade a poemas e autores contemplados na selecção de Sophia - *Primeiro Livro de Poesia*.

As crianças seriam desafiadas a procurarem os seus lugares mágicos do jardim.

1.4. Editar, para operadores turísticos nacionais, um opúsculo sobre a Grécia de Sophia. «Em *O Nu na Antiguidade Clássica*, capítulo 3, - O Lugar -, Sophia enuncia o *locus* da sua própria poesia: “A terra grega é um lugar onde se articulam e se conciliam os opostos.” E, mais adiante, atribui-lhe um traço com o qual, num texto antiquíssimo, caracterizou o seu inicial sentimento poético: “um lugar de êxtase e pânico.”» (Maria Andresen, in “Nota Sobre a Selecção dos Poemas” – *O Nu na Antiguidade Clássica*, p. 125).

Sophia escreveu centenas de páginas sobre a Grécia.

1.5. Elaborar, como sugere José Carlos Seabra Pereira, uma Antologia de textos sophianos sobre jardins, tal como foi feito para os poemas sobre o mar.

1.6. Editar uma Antologia de textos sophianos sobre a cultura Lusófona. Pensamos que é importante desfazer o mito, no qual a própria Sophia acreditou, de que «Sophia era composta por mar e cultura grega.» (Frei Bento Domingues) (in *Sophia de Mello Breyner Andresen – Biografia*. p.140. Isabel Nery. A Esfera dos Livros. 2019)

De facto, Sophia foi, no que se refere a influências portuguesas, não só muito marcada por Camões, Cesário Verde, , Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa (poetas que traduziu para francês), mas também por Gil Vicente, Bocage, Antero de Quental, António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Gomes Leal, Miguel Torga, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade e Rui Cinatti. E não podemos esquecer a influência e fascínio que sobre Sophia exerceu a cultura popular portuguesa.

Do Brasil veio, pelo menos uma forte influência de Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Odylo

Costa, João Cabral de Melo Neto (e de D. Helder Câmara, que lhe mostrou e lhe ensinou «a raiz de ser cristão» (in *Obra Poética* p. 913).

1.7. Pôr à venda, em locais de significativa frequência de turistas, obras de Sophia, traduzidas em diversas línguas. Pensamos em monumentos como o Jardim Botânico do Porto, Mosteiro dos Jerónimos, Monumento dos Descobrimentos, Mosteiro da Batalha, Convento de Cristo e, principalmente, Panteão Nacional. Faria também sentido existirem, para venda, exemplares da obra sophiana algures em Lagos, talvez no posto de Turismo. (Em pleno ano das comemorações do centenário do nascimento da poeta não há um único local em Portugal que venda edições estrangeiras de livros de Sophia. (Para adquirirmos a versão inglesa de *Contos Exemplares* tivemos de recorrer à Amazon).

1.8. Sugerir à editora *Lisbon Poets & Co.* que inclua na sua colecção poemas e, pelo menos, um conto da autora do “Retrato de Mónica”. (Sophia não é lisboeta, mas a sua obra está muito marcada pela capital, cidade onde viveu grande parte da sua vida e onde está sepultada).

1.9. Fazer, na freguesia da Graça, em Lisboa, um jardim onde se plante o maior número possível de flores que existiam no Campo Alegre. Anualmente, no dia do nascimento da poeta (6 de Novembro), seria colhido um exemplar de cada espécie para colocar no túmulo da autora de “As Rosas” e de “Promessa” .

1.10. Colocar uma lápide, junto ao túmulo de Sophia, com um poema seu.

Fica aqui uma sugestão:

(...)
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo
 (“A Forma Justa” OP: 710)

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

- 2008 – *Quatro Contos Dispersos*. Figueirinhas
- 2012 - (Reimpresso em 2018) - *A Fada Oriana* (35^a. edição). Porto Editora. (1^a. Edição: 1958)
- 2013 – *Os Três Reis do Oriente*. Porto Editora
- 2013 - (Reimpresso em 2018) – *O Cavaleiro da Dinamarca* (57^a. edição). Porto Editora. (1^a. edição: 1964)
- 2013 – *A Noite de Natal* – (6^a. edição). Porto Editora. (1^a. edição: 1959)
- 2013 - *Os Ciganos* – (Reimpresso em 2017) *Os Ciganos* (1^a. edição). Porto Editora
- 2014 – (Reimpresso em 2017) *Saga* (1^a. edição). Porto Editora
- 2014 – (reimpresso 2018) *O Bojador* (6^a. edição). Porto Editora
- 2014 – *Primeiro Livro de Poesia* (Seleção). Porto Editora.
- 2015 - *A Floresta* – (37^a. edição). Porto Editora
- 2015 - *O Rapaz de Bronze* – (23^a. edição). Porto Editora. (1^a. edição: 1965)
- 2015 (Reimpresso em 2018) – *Obra Poética* (OP) (1^a. edição). Assírio & Alvim
- 2019 – *O Nu na Antiguidade Clássica – Antologia de Poemas sobre a Grécia e Roma*. 4^a. edição. (1^a. edição: 1975)

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

BERTOLAZZI, Federico

2013 - «Prefácio» in *No Tempo Dividido*, Assírio & Alvim

COSTA, Maria Velho da Costa

2009 – *Sophia: Vozes* (Prefácio). In *Evocação de Sophia*. Assírio & Alvim

CRUZ, Gastão

2014 - «Prefácio», in *Dia do Mar*, Assírio & Alvim

CYMBRON, José

2015 - *O Portugal de Miguel Torga – Um Itinerário em Casa do Orfeu Rebelde*.

(<http://hdl.handle.net/10284/5219>)

EIRAS, Pedro

2017 - «Prefácio», in *Poesia*, Assírio & Alvim

FERRAZ, Eucanaã

2017 - «Prefácio», in *Navegações*, Assírio & Alvim

GOMES, António Ferreira

1999 – «Pórtico» in *Contos Exemplares*, Braga, Figueirinhas

GUSMÃO, Manuel

2013 - «Prefácio», in *Coral*, Assírio & Alvim

RUBEN A. (Ruben Andresen Leitão)

2007 – *O Mundo à Minha Procura – autobiografia*. Assírio & Alvim

LETRIA, José Jorge

2011 – *Chamo-me Sophia*. Didática Editora

LOURENÇO, Frederico

2014 - «Prefácio» in *Geografia*, Assírio & Alvim

MALHEIRO, Helena

2008 - *O Enigma de Sophia – Da Sombra à Claridade*. Oficina do Livro

MARTELO, Rosa Maria

2014 - «Prefácio», in *O Cristo Negro*, Assírio & Alvim

MARTINHO, J.B.

2013 - «Prefácio», in *Mar Novo*, Assírio & Alvim.

MARTINS, Fernando Cabral

2015 - «Prefácio», in *O Nome das Coisas*, Assírio & Alvim

MORNA, Fátima Freitas

2016 - «Prefácio», in *Ilhas*, Assírio & Alvim

NERY, Isabel

2019 – *Sophia de Mello Breyner Andresen – Biografia*. A Esfera dos Livros

PEREIRA, José Carlos Seabra

2018 – *O Destino Literário do Jardim*. In *Jardim Botânico do Porto – 150 anos*

De Culto pelas Plantas, pp. 75-86

RUBIM, Gustavo

2013a - «Prefácio», in *Histórias da Terra e do Mar*, Assírio & Alvim.

2014 - «Prefácio», in *Livro Sexto*. Assírio & Alvim

SOUSA, Carlos Mendes de

2016 - «Prefácio», in *Musa – O Búzio de Cós e outros Poemas*, Assírio e Alvim

TAVARES, Francisco de Sousa

2001 - «Posfácio», in *Mar – Poesia*. Caminho

TORGA, Miguel

1977 – *Odes* (4ª. edição). Coimbra Gráfica de Coimbra. (1ª. edição: 1946)

1985 – *Rua* (5ª. edição). Coimbra Gráfica de Coimbra. (1ª. edição: 1942)

WEBER, Mike

2009 – *Guia da Estação Litoral da Aguda*. Fundação ELA.

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO ÂMBITO DO PROGRAMA

No âmbito do Programa realizei duas comunicações. A primeira a 31 de Maio, no Castelo da Foz, subordinada ao tema *Os Jardins de Sophia* e a segunda a 4 de Julho, na Cooperativa Árvore, com o título *Sophia e o Literaturismo*.